

# A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — *Affonso Vargas*

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... 3030 réis Provincias e ilhas: trimestre ou 6 numeros..... 12000 * Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros.... 12000 * Numero avulso..... 5040 *	N.º 47	Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua da Imprensa Nacional, 81, Lisboa. Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

## CAMILLO CASTELLO BRANCO

É por uma deliciosa tarde de primavera que começo este artigo.

O céu está sereno e azul, o sol é quente e vivo, e na terra, amorosamente beijada por elle, a Vida germina e pullula, emquanto ao longe um rumor confuso de agitação se perde, esparso no ar, penetrado de luz e de alegria...

Ao fundo de um quarto, perdido nas sombrias cogitações do seu attribulado cerebro, um grande, grandissimo espirito soffre á mesma hora as inclementes agonias, as lancinantes torturas de uma inexoravel doenca, e debalde lutam a ternura de uma mulher e a sciencia de um amigo procurando embargar o passo ao monstro que tritura o martyr.

Camillo Castello Branco eis o seu nome. Rudeamente apalpada pela desgraça em toda uma existencia de trabalho e de combate, o glorioso Mestre de duas gerações não tem a final a derradeira consolação tardia de morrer descansado e satisfeito; e quiçá o ouvirão murmurar que estranho e mysterioso designio é esse, que parece deliciar-se em perseguir precisamente aquellos que mais tranquillidade precisam.

E elle, que não tendo o oiro, a que dezenas de livros, tantos d'elles inimitaveis e primorosos, lhe dariam absoluto jus, n'uma terra onde ao menos se fizesse isto:—ler, esperava, quanto mais não fosse, ter a saude, que é a alegria do espirito, e que é o oiro dos pobres, vê-se friamente roubado da sua riqueza unica, e obrigado, quem sabe, a ter de aceitar como pensão o que o paiz lhe deveria ter pago como dever, e em homenagem ao Destino, por este lhe conceder a invejavel gloria de um filho que elle, paiz, em verdade não merecia...

Não merecia não, desde que até agora mesmo provou não saber apreciar-o.

Pois qual foi d'entre os srs. editores aquelle que se lembrou de fazer uma grande edição popular das obras do eminente escriptor, pagando-lhe como se deve pagar a um continuador de Garrett e de Herculano?

Qual dos ministros que dictatorialmente tantas inutilidades resolvem e decretam, ousou assumir a responsabilidade de crear um logar, um cargo qualquer,

que fosse a um tempo um auxilio ao lutador extenuado e um testemunho de consideração da parte dos chamados poderes publicos da nação áquelle que a tem servido melhor com as suas novellas e com as suas brochuras que os supracitados poderes com muitas das suas leis e das suas medidas?

Quaes foram, emfim, as corporações particulares que por qualquer modo fizeram conhecer a sua admiração e o seu reconhecimento por um mestre que tem burilado e enriquecido a lingua que os membros d'essas corporações devem fallar e conhecer, se querem ser portuguezes?

Apenas meia duzia de simples e pobres homens de letras, e esses mesmos como que retrahidos e sem terem procurado para a sua mensagem a unanimidade de nomes e de sympathias que ella deveria significar, se lembraram de saudar o escriptor, que entre nós mais alto tem erguido este roto mas glorioso estandarte da litteratura portugueza, o artista que tem dado a esta nossa rica mas bronzee lingua a fina flexibilidade graciosa e elegante que nas suas mãos ella adquiriu, a ponto de a fazer por vezes uma lingua nova, embora com termos velhos e autenticados pelas melhores chancellarias classicas, uma lingua emfim cantante e fresca, sonora e doce... e sobretudo, viva, humana, rubra, como se houvesse acabado ha pouco de ser forjada, e tivesse ainda o delicado aroma sagrado de todas as cousas virgens...

Pois, meus senhores, Camillo Castello Branco nem sequer é academico, e morrerá naturalmente sem que a primeira corporação scientifica do paiz que elle tem engrandecido lhe preste essa homenagem publica do seu respeito e da sua admiração!

Felizmente que alguem tem tido a noble isenção de protestar contra este algido e descoroçoador indifferentismo, que pouco a pouco nos vae tomando a todos, illaqueando até os melhores corações e os mais levantados espiritos.

E certo que muita gente perguntará talvez quem é Camillo, outros franzirão o labio, e deixarão cair d'elle, com o altivo desdem de quem não attenda em bugiarias, estas palavras ironicas:—ah! sim o novelleiro, um forjador de romances... E outros haverá ainda que o terão lido, e confessarão que sim, que o *homem* tem merito, mas não é para se lhe ergirem estatuas nem para o sagrarem genio!

Muitos leitores de historias inglezas comparal-o-hão a essas ingenuas *miss* que escrevem tres pesados volumes para demonstrarem como Dick, socio do *Tall Man's Club*, não podia de modo algum deixar de vir a desposar a gentil filha do austero Filly, desde que lhe fallára no seu amor immenso, lhe dera um beijo em publico, pertenciam á mesma confraria religiosa e ambos interpretavam a Biblia da mesma maneira. . . mas consideral-o sacilegio equiparal-o ao grande Dickens. Por fim, varios sabios, muitos homens praticos e grandes personagens consagradas, observarão com uma superioridade philosophica e atilada que verdade, verdade, *elle* não fez ao paiz agora uns serviços por ahi além. . .

E quando alguem, um ingenuo evidentemente, lhes retorquir a medo que *elle* escreveu o *Amor de perdição*, o *Filho natural*, *A Brazil-ira de Praçins*, *Onde está a felicidade*, *A queda de um anjo*, e dezenas de primores, como estes, o mais que farão é confessar—que são *bonitos*, *sim bonitos* são esses livros, mas. . . não chegam á *Historia do convento de Santo Ignacio*, obra notavel, recheiada de documentos, muitos documentos, e de tal erudição, que até parece impossivel haver cabeças que possam saber tanto. . .

Serei injusto acaso? Segreda-me a consciencia que em geral não sou, e que n'alguns pontos talvez ainda podesse carregar mais a côr ao quadro. . .

Ao lado d'estes haverá tambem os solemnes, os integerrimos zeladores da Moral publica—com letra grande, que accusarão o pobre artista enfermo de haver escripto verdadeiras indecencias, obscenidades grossas que gente que se preza não pôde ler, e estes mesmos não deixarão de citar indignados uma ou outra aventura bohemia da mocidade de Camillo—para explicarem o romancista pelo homem.

Mas nenhum d'elles se atreverá a confessar em voz alta que quando dos seus cadaveres não restar já a parcella de um atomo, e dos seus nomes só se lembrar, quando o fizer, o cyclo restricto dos seus intimos, dos seus descendentes ou dos seus congeneres, as figuras a que a penna genial e creadora de Camillo imprimiu alento e insufflou vida pairarão immaculadas e brilhantes no divino espaço luminoso da arte portugueza, e o nome d'elle será saudado por todos quantos tenham o amor da sua terra e do seu ninho.

O poderoso psychologista que, ao invéz de quasi todos os escriptores seus contemporaneos, quanto mais ia descendo a collina da existencia mais alto ascendia nas culminações do pensamento e da linguagem, dando-nos maravilhas de concepção e de fórma, que exhalam a frescura da mocidade, tem certamente a consolação acariciante de saber que trabalhou para mais além do que para a hora presente, e que se nos dictionarios e nas selectas já hoje vem incluído como auctoridade, um dia, não tarde, virá em que será aclamado cá fóra, na rua, pela multidão, como o continuador da tradição litteraria e artistica de um paiz que se é, segundo muitos querem, apenas uma expressão moral, está no emtanto, tão solidamente e ao mesmo tempo tão crystallinamente cimentado na Historia, que nunca mais logrará desagregal-o de lá.

Esse foi o serviço de Camões, de Sá de Miranda, de Herculano, de Garrett; esse é tambem o serviço de Camillo. As paginas que elles escreveram estão tocadas do raio da imperecível Belleza e da eterna seducção, e nunca mais se esquecem, e nunca mais se offuscam.

Fallando, porém, agora só de Camillo, é claro que a Arte, a esmerilhadora implacavel, fará a sua escolha, e passará pelo seu crivo de diamantes a colossal e complexa obra d'este prodigioso espirito; mas descansem que a bagagem com que elle ha de marchar para a Gloria é ainda bastante volumosa para poder sem receio soffrer um desfalque. . .

De resto, eu conheço alguem que ficaria rico só com o que n'essa selecção for sacrificado; mas não fallemos de mim, fallemos d'elle.

Seria realmente curioso o livro que se fizesse sobre esta individualidade tão complicada e tão intensa, e estudar o auctor das *Novellas do Minho* como romancista, como psychologo, como poeta, como historiador, como ironista, como completo homem de letras emfim, era trabalho para tentar algum espirito súbtilmente observador e finamente litterario.

Como ironista, por exemplo, é inextinguivel o veio que esse assombroso talento tem em si. Ha phrases suas que valem longos tratados de psychologia e de philosophia.

E d'elle este conceito mordente e d'um causticismo profundo:

«Os homens têm ás vezes e os brutos têm sempre este santo instinto de amarem os filhos.»

Como observador tem *notas* como esta:

«A calumnia é como o carvão, quando não queima sua.»

E finalmente como psychologo tem capitulos dos seus romances que a momentos raiam pelas alturas do sublime, e estão tocados da faisca genial de Shakspeare.

Deixo em silencio as suas largas e valentes refregas de polemista, onde ha obras primas no genero, e d'onde podem destacar-se trechos em que se não sabe o que mais deva admirar-se, se o vigor deslumbrante do estylo, e a nitidez rutila da phrase, se o esfusar assombroso do mais potente humorismo com que ainda se escreveu em portuguez.

E digo humorismo, porque amiudo esse rictus de linguagem provocando a gargalhada á simples leitura, mal disfarça alguma sombria dor, e uma como ingenita tristeza que lhe véla a alma e lhe humedece os olhos. . .

Passo tambem por sobre os seus trabalhos de investigação e de historia que lhe forneceram elementos para mais de um estudo interessante e curioso sempre pelos seus pontos de vista tão pittorescos e tão originaes, porque—com magoa o confesso—não os conheço todos, como infelizmente e até vergonhosamente para mim, não conheço tambem toda a sua vasta obra de romancista, mas pelo que conheço e pelas notas com que elle enriqueceu numerosos volumes da sua antiga bibliotheca vendida em leilão, e de que li algumas, posso recompor com segurança

esta face não menos accentuada da sua inconfundível personalidade.

Se depois d'isto entenderem que este illustre e glorioso trabalhador da penna, não fez ainda o bastante para ter direito a um largo, larguissimo logar na historia da litteratura portugueza, e que a luz que a sua vasta obra projecta não é acaso sufficientemente intensa para illuminar pelo espaço e pelo tempo fóra o seu nobre e romantico perfil, queiram rebuscar nas litteraturas estrangeiras, e na propria, vulto mais assignalado e mais alto, dadas as mesmas condições de producção e de meio, de vida e de trabalho, que aquellas que de qualquer modo actuaram ou infuiram na germinação e no desenvolvimento d'este incomparavel espirito.

E como não encontrarão superior, e é quasi seguro que nem mesmo encontrarão igual, attentos os coefficients especiaes que têm de pôr em pratica para esse confronto, afirmam por ahi qual deve ser o valor do homem que n'este momento representa quasi toda uma litteratura, e que é o mais alto testemunho das qualidades creadoras de uma raça e de um paiz.

E podem tambem calcular por ahi a extensão da divida de homenagem, de reconhecimento e de admiração que nós todos temos em aberto para com elle.

Logrem ao menos estas parcelas isoladas que muitos de nós lhe temos vindo trazer, embora tardiamente, diminuir um pouco a divida, e confortar a inexprimível e percuente dor que tortura agora a um tempo o seu melancolico espirito e o seu macerado corpo...

AFONSO VARGAS.

## A ATMOSPHERA

### III

Dissemos no numero anterior que a atmosphera devia ser limitada; antes, porém, de seguirmos devemos dar a razão. A pagina 248 do 2.º tomo das *Modifications de l'atmosphère* diz Deluc: «Se fosse a atmosphera o unico corpo do universo, então não teria limites, mas como existem outros para os quaes o ar gravita, segue-se que a certa distancia da terra o ar, em vez de continuar a dilatar-se, deve condensar-se novamente, tendendo então para outros corpos mais fortemente que para a terra».

Não soffre, portanto, duvida que a atmosphera deve ser limitada, mas é tambem claro que n'este limite o ar atmosferico deve ter uma camada sem força expansiva, aliás esta camada perder-se-ia no espaço deixando livre da pressão superior uma outra camada, que por sua vez se dispersaria tambem, e o mesmo deveria acontecer a toda a atmosphera. Não parece impossivel a existencia de uma camada limite sem força expansiva, porque basta attendermos a que esta força decresce muito com a densidade, e que a densidade das camadas atmosfericas decrescendo tão rapidamente com a altura, de certo será pequenissima a 50 ou 60 kilometros, que, como já dissemos, é o limite admittido: alem d'isto a baixa

temperatura dos espaços contribue tambem effcazmente para a quasi nulla força expansiva; mais ainda, como a atmosphera é pesada, basta que o seu pequeno peso contrabalance a fraca força repulsiva da camada immediatamente inferior para que a ultima fique em equilibrio limitando a atmosphera.

Dissemos que a atmosphera é pesada, e assim é; obtem-se a demonstração pesando um balão de vidro cheio de ar, e tornando a pesal-o depois de se lhe fazer o vacuo, isto é, depois de por meio da machina pneumatica se extrahir o ar; acha-se por este processo, que 1 litro de ar puro á temperatura de 0º e sob a pressão atmosphérica ordinaria pesa 1<sup>h</sup>,293 ou approximadamente 1<sup>h</sup>,3.

Já demonstrámos que o ar é pesado, portanto exerce pressão sobre a superficie dos corpos. Como consequencia do principio de Pascal—isto é, que uma pressão exercida em qualquer ponto da massa de um liquido se transmite em todos os sentidos, com a mesma intensidade, sobre qualquer superficie igual á que recebe á pressão—podemos dizer, que a pressão atmosphérica exerce-se em todos os sentidos e com igual intensidade sobre qualquer superficie plana, horizontal, vertical ou inclinada; e é por este motivo que a pressão sobre os corpos contidos em uma casa é igual á que se exerce sobre os que estão ao ar livre, porque ha sempre communicação entre o exterior e o interior. Entende-se, portanto, por pressão atmosphérica o peso de um cylindro de ar com a altura da atmosphera e com a base igual a 1 centimetro quadrado; e este peso é de 1<sup>h</sup>,033.

Ora se todos os corpos estão sob a influencia da pressão atmosphérica é clarissimo que o homem está tambem submettido a ella; e qual será a pressão sobre o corpo humano? Sendo de metro e meio quadrado proximoamente a superficie do homem de estatura mediana, é facil com uma simples regra de tres acharmos o resultado desejado: ora, se sobre a superficie de 0<sup>m</sup>2,0001 a pressão é de 1<sup>h</sup>,033 como já dissemos, a pressão sobre 1<sup>m</sup>2,5 é de 15:495 kilos. Este resultado pôde parecer extraordinario, mas, o que é mais para admirar é que existem peixes que, em virtude da profundidade em que vivem no Oceano, supportam pressões quarenta e cinco vezes maiores, pois basta uma columna d'agua do mar de 10 metros de altura para produzir uma pressão igual á da atmosphera; todavia se considerarmos que esta pressão se exerce em todos os sentidos e com perfeita igualdade tanto de dentro para fóra como de fóra para dentro, comprehende-se facilmente a razão por que, não só o homem, mas até os seres da mais delicada estrutura, supportam tão grande pressão sem serem esmagados, sem ao menos serem incommodados nos seus movimentos e até sem terem consciencia d'ella.

Mas o que é mais, esta pressão é condição necessaria para a saude, porque sendo essa pressão contrabalancada pela tensão dos fluidos que occupam as cavidades do corpo e enchem os tecidos é concludente que, baixando o barometro, isto é, diminuindo a pressão atmosphérica estes fluidos tendem a expandirem-se, a circulação e a respiração tornam-se mais rapidas e sentimos uma especie de fadiga e uma propensão para o descanso; dizemos então que a atmosphera está mais pesada, quando é exactamente o contrario.

A pressão atmospherica diminue muitissimo com a altura, e é por isso que nas altas montanhas e nas ascensões aerostaticas o organismo sente enormes alterações; a respiração torna-se laboriosa, o sangue, não achando na extremidade dos vasos sufficiente resistencia, escapa-se e produzem-se então abundantes hemorragias á superficie das membranas mucosas; acrecem a estes symptomas, as tonturas e os zudidos. Uma catastrophe, que fará epocha no martyrologio da sciencia, veiu indicar, bem cruelmente, o limite alem do qual o homem não pôde elevar-se na atmospherica sem morrer infallivelmente. A 15 de abril de 1875 tres sabios, jovens ainda, Sivel, Crocè-Spinelli e Gaston Tissandier partiram de Paris, no balão *Zenith*, para observarem a atmospherica a grande altura; a cerca de 8:600 metros Sivel e Crocè-Spinelli succumbiam asphyxiados por falta d'ar e de pressão (o barometro baixára a 0,30); só Tissandier, tendo tambem experimentado graves incommodos, pôde conduzir á terra os cadaveres dos dois amigos.

LYOTO.

## DOIS PRIMORES LITTERARIOS

Os trechos que abaixo transcrevemos, acompanhando o retrato de Camillo, são: o primeiro do bello romance *Annos de prosa*, publicado em 1858, e o segundo do *Eusebio Macario*, que é dos ultimos trabalhos do grande escriptor.

Escolhemos ao acaso, e não nos desvanecemos de transcrever o melhor entre tanto que vimos de bom; mas elles dão as duas faces da sua vida litteraria, e explicam a trajectoria que o seu espirito tem descripto.

N'um dos proximos numeros completaremos o nosso desejo offerendo aos leitores um dos mais bellos capitulos do soberbo romance *A Brasileira de Praçins*.

As preleções de historia antiga que padre João fizera, desde o Porto até casa, não tocaram o juizo nem o coração de Jorge; mas as singelas palavras da indulgente mãe, e as caricias dos irmãos, acalmaram algum tanto a febril paixão do academico. D. Antonia, de proposito, passou com o filho no adro da igreja rural, quando, ao fim da tarde, se celebrava dentro um baptisado. Entraram na modesta igreja, e foram ajoelhar no arco. A viuva, depois que orou, foi sentar-se n'um banco tosco da capella-mór, e chamou para junto de si o filho.

— Senta-te aqui, Jorge; — disse ella — quero fallar com o meu filho ao pé da sepultura de seu pae. Não a esqueste ainda, pois não?

Jorge desceu a vista sobre uma das lagas que formavam o esteiro pavimento da capella-mór. D. Antonio continuou:

— Tenho fé em que o meu coração n'este logar, onde ha cinco annos venho chorar todos os dias, te saberá dizer o que te bom pae te diria, filho. Se Deus me não fizer o milagre de ajuntar ao teu espirito mais dez annos, serão perdidas as minhas consolações, e tu as tomarás como conselhos importunos.

— Não, minha mãe... — atalhou Jorge, commovido pelo fronto santo do local, e pela imagem de seu pae, em cuja fronte morta elle dera um beijo cinco annos antes — os seus conselhos...

— São conselhos de mulher, conselhos de mãe, que quer desterrar da tua alma lembranças de outra mulher que me rouba o coração de meu filho. Deus levou-me tu pae, Jorge; e Deus não me podia enganar quando d'aquella tribuna, estando eu ajoelhada sobre esta lousa, me dizia que a compensação da boa alma que chamou para si, eras tu. Lembra-te d'uns beijos fervorosos que eu te dava, quando erguias as mãos ao pé de mim n'este mesmo sitio? Não te deixava eu a face molhada de minhas lagrimas, Jorge? Lembra-te?

— Lembro-me, minha mãe... E porque está chorando agora? — disse compadecido o moço.

— Parece-me que é saudade das dores de então, filho... As de hoje são inconsolaveis... Nunca tive orgulho peccaminoso, Deus sabe que não; mas orgulho do meu dominio no teu animo, Jorge, tinha-o muito grande; e agora vejo que pequeno valor tem o dominio de mãe, logo que um acaso infeliz depara aos deztoit annos de uma creança os affectos verdadeiros ou simulados da mulher que nunca se viu, nem conheceu nos brinquedos da infancia. Isto é triste! A natureza poderá justificar este vulgar infortunio; mas a piedade e o dever choram-se, e não ha razão que convença uma mãe a conformar-se com a desvalia em que tu tiveste os meus rogos durante tres mezes.

— Eu não desvaliei os seus mandados, minha mãe — disse Jorge em tom de carinhosa submissão — Havia uma corrente invencivel que me prendia á desgraça...

— E partiu-se essa corrente, filho?... O teu silencio diz-me que não... Olha, Jorge... se essa mulher fosse digna de ti, eu dizia-te que me trouxesses para casa mais uma filha; se ella fosse virtuosa e pobre, seria um thesouro, na nossa casa onde sobra o necessario; se fosse rica e creada nas regalias da sociedade, aconselhava-te que a não sacrificasses á nossa solidão e pobreza comparativa; mas, filho, essa menina, que te enganou o coração, não tem virtudes que supram a riqueza, nem a riqueza que possa compensar o coração estragado e sem escrupulos do homem, que não és tu, mercê do Senhor! Antes de teu tio ir ao Porto, já eu sabia, meu filho, quem era Silvina. Nada disse ao padre do que sabia, quando lhe pedi que fosse em meu nome pedir-te que viesse para nós, que te choravamos. Tu sabes que eu tive uma companheira no convento de Braga, menina de muitas virtudes, que mereceu a Deus casar com um negociante do Porto. Foi a ella que eu escrevi pedindo-lhe informações da tua vida, e não se demoraram. O marido d'esta senhora procurou-te varias vezes, e nunca pôde encontrar-te. Andavas perdido na tua cegueira, meu pobre filho! Abre os olhos da tua alma, e attenta nas lagrimas da pobre mãe que não pôde contar com o amparo de tres meninas, nem ellas contam com outro amparo senão o teu. Não achas tanta gente boa a pedir-te amor, filho? Tudo nos queres tirar a nós para o atirar aos pés de uma mulher, que d'aqui a um anno será na tua memoria apenas um remorso, senão for antes uma vergonha?

— Uma vergonha!... atalhou Jorge, mais ferido na vaidade que surpreendido da qualificação.

— Pois qual é o nome que dá o mundo ás paixões que humilham os que as soffrem, e mortificam uma familia, que não espera d'ellas senão amarguras, desgraças e abysmos?! Jorge, meu querido filho, faz um esforço de vontade! Vence-te, que podes. Ajuda a efficacia das minhas orações. Em nome d'estas cinzas queridas, peço-te em nome de teu pae, que tantas vezes me disse, quando te via triste, aos quatorze annos: « Não tires da tua vista este menino, que ha-de perder-se, se entrar no mundo, d'onde me eu salvei com o teu amor »; é teu pae que te pede pela minha boca, Jorge, esquece essa mulher; não lhe escrevas, os teus amigos que te não fallem d'ella; absorve-te no meu amor; folga com a innocencia de tuas irmãs; volta a Coimbra quando o desejo do estudo renascer no teu animo socegado; entrega-te de novo aos teus prazeres da caça; restaura a tua saude, que trazes tão quebrantada; eu pedirei aos amigos da nossa casa que a frequentem mais a miudo; teu tio ha de saber conversar com o teu espirito instruido; compra os livros que quizeres; satisfaz todos os caprichos que te não arruinem a saude nem a alma; tens a duas leguas d'aqui uma villa onde ha sociedade, e familias que te estimam. Lucta, filho, deixa triumphar tua mãe do prestigio d'essa mulher, que nunca te deu uma lagrima, nem sabe o travor das que tu me tens feito chorar...

— Basta, minha mãe — murmurou Jorge, levando aos labios a mão tremula da maguada senhora — Luctarei, e... morrerei, se não vencer.

— Vences, filho, vences! exclamou D. Antonia com a vehemencia da sua fé e da sua razão. — Vences, porque Deus não dá ás más paixões o poder de matarem uma creatura, que pôde desfogal-as nos braços de sua mãe. — E erguendo as mãos para o altar, disse com a voz convulsiva — Graças, meu Redemptor!

Anoticêra. Padre João, que era o vigario da freguezia, andava discretamente passeando no adro, e entretendo os sobrinhos para não interromperem a pratica, cujo assumpto elle adivinhára. D. Antonia ergueu-se, tomou a mão do filho, e saiu da igreja. No adro, estavam brincando as tres irmãs de Jorge, a mais velha das quaes tinha nove annos, e o irmão mais novo

que nascera depois da morte de seu pae. Saltaram os mais novos aos abraços á mãe, e as duas meninas ao pescoco de Jorge, com grande alarido. Sentou-se elle nos degraus do cruzeiro do adro, e tomou para sobre os olhos as duas meninas, que á fina força queriam ennastrar-lhe nos cabelos as suas rosas brancas. D. Antonia contemplava o grupo com o semblante banhado de alegria. O egresso, debruçado sobre a parede baixa que contornava o adro, fallava com o mordomo da festa de S. Sebastião ácerca do numero de padres e do pregador que devia chamar. Os meninos mais novos já tinham largado a mãe para apredrejarem as andorinhas que chirelavam em redor do campanario, cuja sineta unica era movida de baixo por um cordel, que os pequenos a muito custo respeitavam por ali estar o tio padre.

Resolvido o negocio da festividade do orago, padre João tirou pela corda, e t-cou as nove badaladas das Ave-Marias. Todos ergueram as mãos, e resaram em voz alta. « Ora, Deus nos dê boas noites ». — Disse o padre. Rodearam-no os meninos a beijar-lhe a mão, e Jorge tambem depois que sua mãe lhe deu a fronte.

Terminado este lance, cuja poesia santa não ha pedil-a a corações que deram com ella no pégo da lama brilhante onde dizem que a poesia está, Jorge Coelho fitou os olhos no occidente, e reconheceu o anoitecer dos seus dias passados; viu o boledo pardacento das seranias longinquoas que lhe estavam redizendo os pensamentos da sua infancia; ouvia ainda as vibrações do sino que repicava no baptisado de seus irmãosinhos, e dobrára na morte de seu pae, reconcentrou-se; sentiu uma secreta amargura, que não era angustia de saudade, nem pavor de previsões afflictivas... Que era, pois, esse vulto lá muito ao longe, ao pé d'aquella myriada de estrelas que repontava na cumieira da montanha? Era a imagem de Silvina ainda perto do céu, por que de lá vinha caindo, bella como os anjos que lá nasceram; e, rebeldes á piedade, á virtude, á suprema graça, aqui se despenham, e despenhados vencem ainda disputando ao Senhor as almas immaculadas. Era Silvina, toda de festa e risos, reptando-o á lucta com um sorriso affrontoso, e esgares de escarneo ao protesto santo jurado sobre a sepultura de um pae, e assellado com lagrimas de mulher sem macula. Era a visião maldita, a fada inexoravel dos que vem a esta hecatomba, predestinadas victimas, que o mundo sacrifica e cospe.

Era Silvina, sempre Silvina, a dizer-lhe:

« Que mulher viste mais linda do que eu? Quem te deu philtros de mais saborosa poezia? Vê se te sorriem uns labios com mais doces favos de phrases que assignalaram a mais bella hora da tua vida! »

Meu pobre Jorge Coelho! Tua mãe não te salva d'esse captivo. Teu pae, esse resgatava-te, se te desse um logar no seu leito!... *E intransitivo o calix!* (Annos de prosa.)

Uma noite de novembro caía neve, e os aspectos do céu profundamente frio tinham umas estrelas tremulas lucilantes, e um luar algido que dava ás concavidades nevadas a claridade nitida de uns lagos de prata fundida. O padre vestia polainas fortes saragoça assertoadas, tamancos ferrados e suspensos nas fortes presilhas das polainas, jaqueta de pelles e uma carapuça alemtejana escastrate, que lhe abafava as orelhas. Debaxo da lapella da vésia resguardava a escorva da clavina, e caminhava curvado, com as mãos nas algebeiras e os olhos vigilantes nas gargantas dos sérios. Livros longinquoos de lobo ouviam-se e punham-lhe vibrações na espinha, e um terror grande n'aquella immensa corda de serras, onde elle áquella hora se

considerava o unico ente exposto a ser comido pelas feras esfomeadas. Pulava-lhe o coração. Ao trepar a um outeiro, entaliscado de rochedos que pareciam resvalar de encontro a elle, ouviu o uivo ali perto, para lá da espinha do sério. Tirou a clavina do sovaco, e livido, com a sensação estranha do figado despegado, metteu o dedo tremente, automatico no gatilho. Fez um acto de contricção; provava quanto as religioes são importantes, urgentes, nas crises, nos conflictos serios do homem com o lobo. Esperou. A fera assomára na lomba do outeiro, recortando-se esbatida no horizonte branco com uma negrura immovel, sinistra: parecia um bronze, um emblema de sepulchro. Ella quedou-se por um largo espaço n'um aspecto de admiracção, de surpresa. Depois, decaiu sobre as patas trazeiras, com ares contemplativos, de uma pacatez fleugmatica. Mediam trinta passos entre a fera e o padre. Estava ao alcance da bala o lobo, mas o padre, caçador astuto, manhoso, receiava perder um dos tiros. Poz-lhe a pontaria com um gesto de espalhafato; dava gritos como quem acula cães: «Bôca! pega! cerca! Ah! vai lobo!» Echos respondiam; e a fera menos versada na physica dos sons reflexos, olhava crespada, espavorida para o lado em que repercutim os brados. Ergueu-se, e desceu muí de passo, com uns vagares ironicos, com

a cauda de rojo, e o dorso ericçado, a ladeira da collina. O padre via-a negrejar na linha flexuosa do declive. Pensou retroceder; mas o logarejo de Felicia estava mais perto que a sua aldeia, e para aquelle lado latiam cães, de um faro que adivinha o lobo antes de lhe ouvir o uivo, e o fariscam pela inquietacção das rezes nos curraes. Trepou afoito ao teso do outeiro; ganhára animo, bebêra de aguardente de uma cabaça atada com o polvorinho no correão. Sentiu-se capaz de affrontar o rebelde, se elle o não respeitasse como rei da creatção segundo affirmativas de theologos que nunca viram lobo. Do topo olhou para baixo: não o avistou. Corcovava-se em algum emaranhado de bravo espinho onde se embrenhára. Estugando o passo, ganhou uma chá ladeada de extensos leiros de feno, alveantes como um estendal de lençoes; e, quando olhava para trás receioso, viu a alimaria a grandes passos, com a cabeça alta, atravessar a leira da esquerda, parecendo querer cortar-lhe o passo na extrema do caminho que entestava com a aldeia. O padre agachou-se, coseu-se com o valle de urzes e giestas que formavam

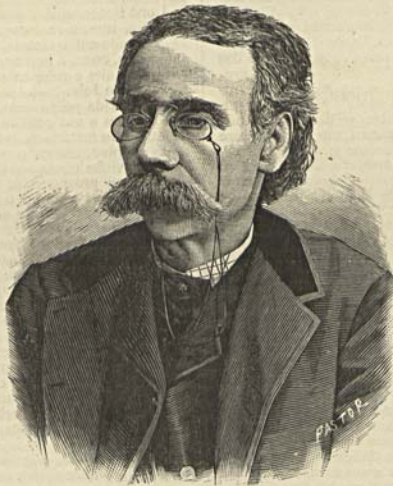
o tapume das terras cultivadas, e muito derreado, arquejando, com o dedo no gatilho e a fecharia rente da barba, caminhou paralelo com o lobo que o farejava, de fochino anhelante e as orelhas fitas; e assim que a fera passou de perfil em frente do tapigo, o rei da creatção, que o era pelo direito do bacarmarte, despediu-lhe a primeira bala com a destra pontaria de quem havia já matado aguias com zagalotes. O lobo, varado pela espádua até o coração, decaiu sobre um dos quadris, escabujou em roncões frementes, espargindo flocos de neve, ergueu-se ainda inteiriçado, n'uma grande agonia, e morreu.

(Eusebio Macario.)

Ha mulheres como as flores venenosas; se nos detivermos com ellas mais tempo que o necessario para lisonjermos a sensação e regalar a phantasia, sentir-nos-hemos tomados de um marasmo de espirito em que serão delidas as nossas mais nobres facultades e a mais válida de todas, o mais nobre apoio da nossa dignidade de homens—a liberdade.

O amor e o remorso são espinhos que não desencrava o coração quem quer.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.



## LORD BEACONSFIELD

## II

A reputação de salão que gozava lord Beaconsfield, levou algum tempo a transformar-se em popularidade; mas a sua popularidade, apenas obtida, penetrou rapidamente a enorme massa trabalhadora, e tornou-se em poucos annos essa vasta e ressonante nomeada, que faz o seu nome familiar, quasi domestico, em toda a parte onde se falla inglez, na mais rude aldeia de pescadores de Cornwall, no *bush* d'Australia, entre os mesmos montanhezes barbaros dos *Highlands*, e que, quando elle se dirigia ao congresso de Berlim, atrahia ás estações do caminho de ferro as populações da Alemanha a contemplarem o *grande inglez*. E este reconhecimento de gloria constitue um dos phenomenos mais curiosos da carreira de lord Beaconsfield; porque, em geral, não se avalia bem a difficuldade portentosa de obter uma fama, mesmo mediocre.

Não ha nada tão illusorio como a extensão de uma celebridade; parece ás vezes que uma reputação chega ate aos confins de um reino—quando na realidade ella escassamente passa das ultimas casas de um bairro.

No momento da sua prodigiosa voga, o velho Alexandre Dumas ficou assombrado de que o magistrado de uma villa vizinha de Paris, homem illustrado, de resto, não soubesse com que letras se escrevia esse glorioso nome de Dumas!

E se nós possedemos reduzir a numeroz as proporções das glorias contemporaneas, ficaríamos aterrados perante a protescça mesquinhez dos resultados. Nós outros jornalistas, criticos, artistas, homens de estudo e de curiosidade litteraria, julgamos quasi impossivel que haja alguém na Europa que não tenha lido Victor Hugo, ou que, pelo menos, não conheça esse nome de syllabas facéis, que ha meio seculo fez, a grande estrondo, o ouvido humano; pois bem, pôde-se dizer que fora de França apenas cinco mil pessoas talvez terião lido Victor Hugo—e que não passará de certo de dez mil o numero de creaturas que lhe saibam o nome, incluindo mesmo a vasta massa democratica de que elle é o epico official. E já isto constitue um famoso progresso—desde o tempo em que Voltaire ambicionava *ter cem leitores!*

A conhecida allegoria da Fama, cantando o nome d'um varão com as suas cem bocas, applicadas ás suas cem tubas, e voando de um outro confim do Universo—é uma das imagens mais descaradamente falsas que nos legou a Antiguidade. Esse estrondar das cem tubas morre como um suspiro dentro da area humilde de um curriculum ou de uma *coterie*; e nada viaja com uma lentidão igual á da Fama. Um fardo de fazendas gasta quatro dias a vir de Londres a Lisboa—e os nomes de Tennyson, Browning, Swinburne, os tres grandes poetas da Inglaterra, e que ha quarenta annos são a sua mais pura gloria, ainda cá não chegaram. É verdade que to do o mundo necessita fanellas—e nem todo o mundo supporta Poesia.

Mas uma celebridade não encontra só difficuldades em transpor a fronteira—acha-as sobretudo e quasi insuperaveis em fixar a attenção da grande turba dos seus concidadãos. Principalmente n'um paiz como a Inglaterra, em que a aspera lucta pela existencia, a soffrega preoccupação do pao diario, o feroz conflicto da concorrência, não permitem esses pachorrentos vagares, os vagares portuguezes ou hespanhoes, em que se está de barriga ao sol, prompto a reparar, a admirar o menor foguete que estala nos ares.

Em Inglaterra o duque de Wellington era de certo popular, porque ganhou a batalha de Waterloo, e portanto, segundo a creença contemporanea, salvaria a Inglaterra da invasão. Gladstone é conhecido em cem cidades e mil aldeias, porque alliou a nação dos seus grandes impostos. Mas estas formam as excepções; as outras celebridades inglezas, ou sejam politicos como lord Salisbury, ou philosophos como Spencer, ou poetas como Browning, ou artistas como Herkomer—permanecem profundamente ignorados da grande massa do publico. São reputações de salão, de academia, de club, de redacção de jornal.

Ora, lord Beaconsfield realmente nunca fez cousa alguma para se tornar popular e sempre lembrado: nunca ligou o seu nome a uma grande instituição, a um grande beneficio publico, a uma campanha victoriosa. Tudo, ao contrario, n'esta original personalidade, parecia destinal-o á impopularidade: a sua origem, os seus gostos e habitos anti-inglezes, a sua poderosa veia sarcastica, a sua oratoria requintada e subtil, o gongorismo

metaphysico das suas concepções litterarias, e certos lados accentuados do seu fundo semitico. E a isto accrescia, que, para a grande maioria da nação, elle representava um *parvenu* de auctoridade oligarchica, surdamente hostil á idéa de democracia e de soberania popular.

A sua assombrosa popularidade parece-me provir de duas causas: a primeira é a sua idéa (que inspirou toda a sua politica) de que a Inglaterra deveria ser a potencia dominante do mundo, uma especie de Imperio Romano, alargando constantemente as suas colonias, apossando-se e *britannizando* os continentes barbaros, reinando em todos os mercados, decidindo com o peso da sua espada a paz ou a guerra do mundo, impondo as suas instituições, a sua lingua, as suas maneiras, a sua arte, tendo por sonho um orbe terraqueo que fosse todo elle um Imperio Britannico, rolando em rythmo através dos espaços.

Este ideal, que tomou o nome de *imperialismo*, nos dias de gloria de lord Beaconsfield, é uma idéa querida a todo o inglez; os mesmos jornaes liberaes, que com tanto furor denunciavam os perigos d'esta politica romana, no fundo gosavam uma immensa satisfação de orgulho em proclamar a sua inconveniencia. Havia tanta prosapia britannica em conceber um tal Imperio, como em o condemnar e em dizer, com um ar de noble renunciamiento: «Não nos convém a responsabilidade de governar o mundo!»

Lord Beaconsfield, sendo a encarnação official d'esta idéa imperial, tornou-se naturalmente tão popular como ella. Foi considerado então como o instrumento da grandeza exterior da Inglaterra, como o homem que a fazia dominante e temida, que mantinha alta e reluzindo terrivelmente aos olhos do mundo, a espada de John Bull. Gladstone, Bright, a grande escola liberal, conhecida pela *escola de Manchester*, era agora accusada de ter, com a sua politica de abstenção só occupada de melhoramentos materiaes, de finanças, de civilização interna—deixado definir, morrer o prestigio inglez na Europa.

Eahi vinha agora aquelle extraordinario judeu, apoiado na riqueza, na prosperidade interior que lhe tinham legado os liberaes, collocar de novo a Inglaterra á frente das nações, fazendo resoar ao longe e ao largo a sua voz de leão...

Todo o paiz andou durante annos inchado de esta grandiosa filauica, que lord Beaconsfield já sempre entreteendo com os seus discursos bellicosos, as ameaças theatraes, as concentrações de frotas, um constante movimento de regimentos, invasões aqui e alem, a occupação de Chypre, a quasi absorção da propriedade do istmo de Suez, sempre algum lance brilhante em que a Inglaterra apparecia entre os fogos de Bengala da sua eloquencia, como a senhora do mundo. E John Bull adorava isto, apesar de ver que a espada de Inglaterra, depois de flammear um momento nos ares, era invariavelmente recolhida á banha; apezar de comprehender que o dinheiro se gastava como a agua das fontes; apezar de sentir que os impostos cresciam; apezar de perceber que a Inglaterra estava tomando sobre os hombros responsabilidades desproporcionadas com a sua força mesma.

Depois, um dia, o grande senso pratico da Inglaterra viu claramente a necessidade de brilhar menos aos olhos do mundo—e de se occupar da machina interior que começava a desarranjar-se: poz fóra o grandioso Beaconsfield, e chamou o pratico Gladstone,—o homem que reconstitue as finanças, que allivia os impostos, que faz as grandes reformas interiores... Mas, apesar de tudo, Beaconsfield ficou como typo do estadista que como nenhum outro amou e desejou a grandeza imperial da patria.

A esta causa de popularidade deve juntar-se outra—a *reclame*. Nunca um estadista teve uma *reclame* tão continua, em tão vastas proporções, tão habil.

Os maiores jornaes de Inglaterra, da Alemanha, da Austria, mesmo de França estão (ninguém o ignora), nas mãos dos israelitas. Ora, o mundo judaico nunca cessou de considerar lord Beaconsfield como um judeu—apesar das gotas d'agua christá que lhe tinham molhado a cabeça. Este incidente insignificante nunca impediu lord Beaconsfield de celebrar nas suas obras, de impor pela sua personalidade a superioridade da raça judaica,—e por outro lado nunca obistou a que o judaismo europeu lhe prestasse absolutamente o tremendo apoio do seu ouro, da sua intriga e da sua publicidade. Em novo, é o dinheiro judeu que lhe paga as suas dividas; depois é a influencia judaica que lhe dá a sua primeira cadeira no parlamento; é a ascendencia judaica que consagra o exito do seu primeiro ministerio; é emfim a Imprensa nas mãos dos judeus; é o telegrapho nas mãos dos judeus, que constantemente o cele-

braram e glorificaram como estadista, como orador, como escriptor, como heroe, como genio!

Como romancista, lord Beaconsfield nunca escreveu propriamente um romance tal como nós modernamente o comprehendemos. Alguns dos seus romances são pamphletos em que os personagens constituem argumentos vivos, triumphando ou succumbindo, não segundo a logica dos temperamentos e as influencias do meio, mas segundo as necessidades da controvérsia ou da these. Outros formam verdadeiras allegorias como as tem a pintura decorativa nas muralhas dos monumentos publicos. N'um dos mais celebres—*Lothair*—ha um manco ideal, encarnação do espirito inglez, que ama successivamente tres mulheres: uma italiana, casada com um americano, bella creatura de perfil classico, e fôrmas de deusa, que representa a Democracia; uma ardente rapariga de cabellos negros e revoltos, sempre em extasi, que é a personificação da Igreja catholica; e enfim uma doce e loura donzella, seria, grave e terna, que symbolisa o Protestantismo. Depois de hesitar entre estas tres paixões—decide-se, como um bom inglez, por casar com o Protestantismo, quero dizer, com a loura, conservando um culto vago e secreto pela Democracia, quero dizer pela soberba americana de perfil marmoreo. Moral: a felicidade de um povo está na posse de uma forte moral christã aliada a um uso moderado da liberdade. Isto dava um excellenté e apparatuso fresco na sala de um parlamento. E lord Beaconsfield accentua os detalhes allegoricos com uma tal ingenuidade—que faz por vezes sorrir; assim por exemplo, a americana, isto é, a Democracia apparece sempre em *soirées* e festas, vestida á grega, com uma estrella de brilhantes na fronte, como a cabeça da *republica* nas moedas francezas de cinco francos!

O meio em que os seus romances se passam tem quasi sempre um ar feérico: tudo s'io, como disse ha pouco, palucios de um fabuloso e sumptuoso luxo, festas como as não tiveram os Medicis, fortunas de banqueiros, de duques, perante as quaes os Crestus, os Monte Christos, os Rothschilds, todos os ricacos da lenda ou da realidade apparecem como despreziveis pelintras.

A linguagem d'estes personagens corresponde ao esplendor das suas moradas e ao nebuloso dos seus destinos. *Misses* de dezoito annos, habitando prosaicamente Belgrave Square, falam aos seus namorados com a pompa allegorica do *Cantico dos canticos*: e quando (o que é frequente) dois brilhantes espiritos como Sidonia ou Mrs. Coningsby conversam, vêem-se, cruzando rapidamente de um a outro labio, as imagens rutilantes, os luminosos conceitos, como se as duas creaturas se estivessem recitando uma á outra numeroso do *Intermezzo*, ou tercetos de Petrarcha.

Esta linguagem, de resto, convem ás idéas, aos sentimentos, ás aventuras que elle attribue aos seus typos principaes; tudo que é humano e real fica absolutamente de fôrã d'essas transcendentés creações: fallando como poemas, comportam-se naturalmente como chimeras.

O seu mais famoso heroe—*Tancredo*—vae a Jerusalem e á Syria com este fim—*penetrar o mysterio asiatico*. Não percebem? É facil. Sendo Jerusalem e as planicies da Syria o unico ponto do Universo em que Deus jamais conversou com o homem; em que appareceram os prophetas e os Messias; em que das sarças, do murmurio dos rios e do echo dos desertos surgiram as Leis Novas, dando á humanidade destinos novos—o mocço *Tancredo* parte, para que lá, n'esses logares, Deus lhe falle, um raio de luz o divinise, uma religião lhe seja revelada; e tendo partido de Londres como simples lord, possa regressar a Regent Street, como Messias, e regenerador das sociedades!

E (perguntar-me-hão) o que succede a *Tancredo* na Syria? O que succede a todos os personagens de lord Beaconsfield, que nas primeiras paginas partem para sobrehumanos destinos, como os antigos cavalleiros da Tavola Redonda: succede-lhe que casa com uma linda e honesta menina, e que tem muitos filhos no meio de muita felicidade...

E o *mysterio asiatico*? Parece que o não achou. Mas descobriu cousas curiosas e de rara fabula: por exemplo, um povo pagão, onde reina uma bella sacerdotisa de Apollo, que celebra ainda hoje nobres cultos hellenicos, e que se namora de *Tancredo*. Mas *Tancredo*, cavalleiro christão, depois de a defender da invasão de um outro povo, que adora idolos infames, foge, foge á destilada, deixando a classica rainha a gemer de amor aos pés da estatua d'Astarte. Depois elle mesmo está

para ser rei do Libano. Emfim, uma grandiosa e rutilante salada. E tudo isto se passa ahi por 1858, no tempo da exposição de Paris.

Maç que prodigioso talento, que arte, que amplitude de imaginação para pôr de pé, em todo o seu brilho, este desordenado monumento d'Idealismo!

Com effeito, que artista fino, e por vezes poderoso! Aparer d'este abuso do gongorismo na ficção, do vago e ao mesmo tempo do amaneirado das suas concepções, d'estes enredos e d'estes personagens que por vezes parecem uma mystificação,—os seus romances nunca deixam d'interessar, direi mesmo, nunca deixam de captivar. Atravessa-os sempre um enthusiasmo sincero—em que se sente o amor poetico com que elle segue os seus generosos heroes, as suas bellas mulheres n'esses destinos fôrã da realidade. Depois a sua fina sensibilidade, o seu idealismo um pouco convencional, mas de grande *elan*, os requintes de um gosto supremo—levam-no a dotar os seus personagens e a acção em que elles se movem, de uma tal belleza espirital, de uma tão alta nobreza de costumes, que os olhos enlevam-se, a imaginação namora-se d'esse mundo ficticio, d'essa humanidade de poema, onde nada existe de vulgar ou de baixo, e onde brilham fôrmas maravilhosas e transcendentés do pensar, do sentir e do viver.

Isto dá-lhe uma qualidade encantadora:—é luminoso. Personagens, paizagens, interiores, o proprio movimento da aventura—tudo está banhado n'uma luz serena e graciosa. Pintando as cousas fôrã da verdade social, não tendo de lhe apresentar as sombras tristes, exclue dos seus vastos quadros tudo o que na vida é duro, brutal, feio, mau, estúpido, as fôrmas varias da baixaza humana.

Escrevia para uma sociedade rica, nobre, litteraria, requintada,—e mostra-lhe um mundo d'ouro e crystal, gyrando n'uma bella harmonia, batido d'uma luz cõr de rosa...

Tenho insistido n'este lado *não real* dos livros de lord Beaconsfield. Todavia, um homem d'estes, antigo *dandy*, crítico, estadista, habituado a governar, observador por necessidade, não podia deixar de ter accumulado uma grande experiencia dos caracteres e da sociedade; e essa experiencia deveria, necessariamente transparecer nas suas pinturas da vida. E lá está com effeito. Por entre as suas grandes creações symbolicas, de indisciplinada imaginação (*Tancredo*, *Lothair*, *Siby*) move-se todo um mundo real, de uma vida exacta e forte, figuras de carne, postas de pé com um singular vigor de desenho e cõr. São os seus personagens secundarios, os seus politicos, os seus intrigantes, os seus homens de letras, as suas mulheres da moda, os seus lords elegantes. Todos estes typos foram copiados do natural. Londres conhecia-os, dava-lhes logo os nomes; e o escandalo d'estes retratos foi mesmo uma das grandes causas do successo de lord Beaconsfield. Mas mesmo para quem não frequenta a sociedade de Londres, e não conhece os originaes, estes typos interessam—porque *vivem*.

Ordinariamente são apenas esboços mas, magistraes; e apparecem assim em destaque, ao lado de creações de pura imaginação, descomedidamente poeticas e de contornos fluctuantes, esses typos reaes adquirem um relevo maior como perfis da verdadeira humanidade, mostrando-se por entre o nebuloso de uma mythologia.

São elles os que interessam, e da vasta galeria de lord Beaconsfield só elles ficarão lembrados.

Seria impossivel, n'este estudo ao correr da penna, feito só de impressões,—marcar todos os traços de uma individualidade tão complexa como a de lord Beaconsfield.

Poucos homens têm produzido um tão curioso conflicto de apreciações: diz-se d'elle que foi um grande homem de estado; e diz-se tambem que foi apenas um charlatão; a critica tem-n'o apresentado como um romancista de genio—e como um mau alinhavador de novellas! Homem de partido, soffreu em politica e em litteratura, ora a idolatria, ora o rancor da parcialidade partidaria. Uma cousa, porém, tinha a seu favor—é que todos os mediocres o detestavam.

É difficil, de resto, separar n'elle o politico do romancista: fazia sempre politica nas obras d'arte, que se tornavam assim resoantes manifestos das suas idéas de estadista—e fez romance no governo, que parecia muitas vezes um *scenario* de drama, sobre o qual elle estava de penna na mão, combinando

os lances d'effeito. Seja como for, a Inglaterra perdeu n'elle um dos seus genios mais pittorescos e mais originaes.

Individualmente foi um *feliç*. Tendo, em novo, lançado o plano da sua vida futura, como quem prepara um enredo de romance, realisou-o plenamente, em todos os pontos, n'um continuo triumpho. Foi formoso, foi amado, foi rico, teve a melhor esposa de Inglaterra (como elle dizia), deixou uma vasta obra litteraria, foi o confidante escolhido da sua rainha, governou a sua patria, pesou nos destinos do mundo, e findou n'uma apothose. Foi então absolutamente, ininterrompidamente ditoso? Não. Este homem triumphante viveu acompanhado de um secreto, de um pequenino, de um ridiculo desgosto: — nunca pôde fallar bem francez!

ÉÇA DE QUEIROZ.

### Scenas da vida academica

#### PEPITA

(Esboço do natural)

Continuado

Á noite no café, o Medeiros, á hora costumada, tomava logar á mesma banca. Lá vencido, pensava no attribulado da sua vida, sem lhe ver abertamente uma brecha por onde se escapasse.

Mas como arranjára dinheiro e ia ver Pepita, nesciamente, consolava-se. Tinha-se convencido da necessidade de tomar uma resolução, e esperava a hespanhola.

Deram sete horas, deram sete e meia, e a porta pequena não se abria para Pepita.

Começou então o Medeiros a impacientar-se.

E ás oito horas viu com espanto sobirem os hespanhoes para o estrado sem Lopes e sem Pepita. Era a primeira vez que via isso em quatro mezes de frequentador. Achar-se então desgraçado, reviu a sordidez do dia. A patifaria do collega, a especulação vil, que o envergonhára, da casa de penhores.

Mas a porta abriu-se ainda uma vez, e o Medeiros olhou-a palpitante e viu apparecer, fixando a banca em que elle estava, o Sousa. Uma repulsão íntima fel-o desviar immediatamente a cara.

Entrou o Sousa, e foi sentar-se lá longe. A Gloria foi servil-o, e ficou depois sentada ao pé d'elle.

A hora a que os hespanhoes desciam do estrado, Lopes só, esfalfado, entrou, juntou-se com o grupo e todos grulhavam. Quando então passou ao pé da banca do Medeiros, comprimentou-o e apertou-lhe a mão.

— Sua mulher?

— Mala... muy mala... e explicou-lhe que Pepita a ficára acompanhando, e como o Medeiros lhe offereceu de beber, o hespanhol sentou-se embrulhando um cigarro, e, expandiu: a mulher ia para o hospital, e Pepita só voltava ao café para o tempo da feira.

— Para o tempo da feira?

E attento, decifrando o hespanhol veloz de Lopes, o Medeiros ouviu então que d'ahi a dias o café ia para a feira das Amoreiras n'uma exploração justa de bohemios. Entretanto a Gloria passára já duas vezes, farejando.

Lá ao longe o Sousa de cara alegre, mexia o assucar n'uma chavena.

A Gloria aproximou-se emfim do Medeiros, e disse baixo, por cima do hombro...

— Tu *amigo*, e apontou na direcção do Sousa...

— E então?

Mas a Gloria riu estrondosamente, com um descaro que tornou pallido o Medeiros, e o fez agarrar nervosamente o braço da *camarera*.

Á Gloria assustou-se, caíra-lhe a camelia da cabeça.

— Que es esto hombre, me quiere usted pegar alguna bofeta... berrou fanhosamente.

— Lopes então interveiu.

— Tonta... quê tonta!

Os freguezes ali perto voltavam-se já. Ao longe o Sousa, a cabeça inclinada para a chavena, olhava de revez, e como o Medeiros confuso, lhe largasse o braço, ella voltou-se para Lopes, e placida sorrindo, perguntou-lhe:

— Está mejor tu mujer? y Pepita porque no hay venido? e olhava de revez, com olhar brilhante, o Medeiros.

ARNALDO FONSECA.

### MIGALHAS DE SCIENCIA

Eis a lenda da *hulha*.

Foi talvez por causa d'esta lenda que o carvão mineral teve, em principio, difficil consumo em França, dizendo-se até que viciava o ar e manchava a roupa. Talvez seja ella, ainda hoje, a causa de Paris consumir, apenas, annualmente 1 milhão de toneladas de carvão mineral, e Londres 6 milhões!

A historia é assim.

No xii seculo, na Belgica e perto de Liège, vivia *Hulhos*, pobre ferrador de Plenevaux; quasi morto de fome e sem pão para a sua familia, pensava em suicidar-se, quando, por encanto, lhe appareceu um velho com a barba toda branca.

Commo viu com a narração da suas desgraças, o velho ensinou-lhe o meio de dispensar o carvão de madeira.

— Vae á montanha visinha, meu amigo, e encontrarás no terreno uma terra negra, excellente para com ella aqueceres a tua forja.

Quem era o mensageiro do céu?

Em um manuscrito do tempo lêem-se ainda as tres primeiras letras: *Ang...*

E os francezes teimaram que o velho era um anjo (*ange*).

Mas um sabio da igreja viu depois afirmar que nas chronicas celestes não se dava noticia de anjos barbados.

E os francezes curvaram a cabeça.

*Ang...* quer dizer *Angle*.

O velho era um inglez...

### COUSAS UTEIS

*Cabello de boi*. — As fabricas de cortumes produzem muito cabello dos couros que curtem, o qual é deitado ao esterco. Este cabello lavado, batido e crivado em pastas vem de Inglaterra para nós forrarmos as caldeiras e canos de vapor, a fim de conservar o calor, e pagamos cada pasta, que não tem 2 kilos, por 300 réis. A Russia exporta cerca de 4.000.000 de arratees d'este cabello para a America, onde é fiado e tecido em lindos tapetes.

O cabello do boi era pelos nossos antigos misturado com a cal e saibro para lhe dar prisão; os modernos deixaram-se d'isso.

Acre aroma dos pampinos se exhala,  
No manso lago azul o céu se estampa,  
A lua silenciosa, que resvala  
Bate em cheio na cruz da humilde campá.

Da ave agoureira as vozes compassadas  
Echoam pelas tumbas de granito;  
Saie a larva de putridas ossadas  
Vem ouvir o concerto do Infinito...

Pobre larva, sem ver a luz do dia,  
Nas entranhas d'um mundo tenebroso!  
Oh! que enlevo! que amor! oh que alegria!  
Adora em extase o luar saudoso.

És mais feliz do que eu! em selva extensa  
Solitario caminho até morrer;  
Em vão procuro a luz, a aurora immensa  
D'uns olhos meigos, ternos, de mulher!

GUERRA JUNQUEIRO.

A phantasia do homem é um balão, e a mulher o vento que o impelle para o céu — eternamente.

TRONCINI.

Muitas mulheres muitas pulgas. Muitas pulgas muita comichão.

HEINE.

Porventura as horas nunca teriam amado? Cruelmente conjuradas entre si, zombam malignamente da pressa dos namorados e dos amantes.

HEINE.